

# A (TRANS)FORMAÇÃO DOS SERES VIVENTES EM *BUGÔNIA*, DE DANIEL GALERA — LETÍCIA VITAL FERREIRA

**RESUMO** O interesse do presente artigo é apresentar uma leitura ecocrítica da novela *Bugônias* (2022), de Daniel Galera. Para tanto foi mobilizado um aporte crítico atualizado que possibilite a análise da participação dos diferentes seres vivos na narrativa, dando-se destaque à metamorfose como manifestação das alianças inter e intra-espécies. A apresentação dos animais como agentes e detentores de linguagem possibilita leituras da novela a partir do afastamento do especismo. Além disso, a jornada da personagem Chama é estudada a partir da perspectiva de uma história de amadurecimento, alterando algumas das lógicas presentes no romance de formação tradicional. Por fim, é defendido que também o Organismo participa desse processo formativo, transformando-se em sistema simpoético.  
**Palavras-chave:** Literatura contemporânea; Ecocrítica; Literatura brasileira; Daniel Galera.

**ABSTRACT** *This article proposes an ecocritical reading of the novel Bugônias (2022), by Daniel Galera. To this end, an updated critical contribution was mobilized to enable the analysis of the participation of different living beings in the narrative, highlighting metamorphosis as a manifestation of inter and intra-species alliances. The presentation of animals as agents and as capable of language enables readings of the novel that move away from speciesism. Furthermore, the journey of the character Chama is studied from the perspective of a coming-of-age story, altering some of the perspectives present in traditional romance novels. Finally, it is argued that the Organism also participates in this formative process, becoming a sympoetic system.*  
**Keywords:** Contemporary literature; Ecocriticism; Brazilian literature; Daniel Galera.

A novela *Bugônia* (2021), de Daniel Galera, apresenta a história de uma comunidade, o Organismo, composta por diferentes seres vivos que habitam um determinado espaço conhecido como Topo. Lá, o grupo consegue se proteger em/de um mundo futuro dominado por catástrofes climáticas, sociais e biológicas: “[o]s textos falam de escassez de comida e das grandes epidemias. Do mar avançando sobre as cidades costeiras e do calor dizimando os pastos e plantações que cobriam regiões maiores que o horizonte. Da variedade de entes que não resistiram à infestação humana” (Galera, 2021, p. 212).

Nesse espaço-tempo vindouro encontramos nossa protagonista, Chama, confusa sobre os ensinamentos de dois grandes líderes com visões diferentes: enquanto a Velha acredita que devemos aprender com o presente sempre mutável, Alfredo defende a busca do conhecimento a partir dos escritos que nos contam experiências passadas passíveis de se repetirem. Contudo, independentemente das diferenças, ambos compreendem que a sobrevivência depende de alianças e, no caso dos humanos, ameaçados por uma nova doença, a aliança tecida com as abelhas é de especial importância. Isso se dá porque as volantes são capazes de produzir o necromel, espécie de mel imunizador contra a peste de sangue. Mas, a partir da queda de um astronauta no Topo, as abelhas se afastam de seus locais costumeiros e o futuro da comunidade fica ameaçado.

O procedimento da Bugônia, termo que dá título à novela, é descrito, dentre outras obras literárias, pela *Geórgicas IV* de Virgílio, texto este utilizado como epígrafe da novela de Galera. No caso do texto romano, o processo é caracterizado como o sacrifício de um boi realizado de tal forma que abelhas nasceriam espontaneamente de seu corpo. No texto de Galera (2021, p. 174), contudo, “[n]ão há ritual” para o surgimento do mel imunizante: as abelhas voluntariamente se alimentam dos cadáveres do Organismo e produzem o necromel, que

[...] não mata nem neutraliza as bactérias da peste do sangue. Muito pelo contrário, o mel as atrai e as alimenta. Ficam saciadas a tal ponto que não precisam consumir nosso corpo. Passam a defender sua morada, ansiosas por algo que somente o néctar correndo em nossas veias pode fornecer. Invisíveis e incontáveis, é na aliança do Organismo que elas também encontram algum sossego (Galera, 2021, p. 196).

As alianças tecidas entre os humanos e os não-humanos do Organismo, inclusive com as bactérias nocivas, diferem das habituais no modo de produção capitalista não somente porque beneficiam a ambos os lados envolvidos, ou seja, não se pautam só na satisfação dos desejos e necessidades humanos, mas também porque o agenciamento das figuras não-humanas é explícito. As ações dos entes não-humanos, direcionadas ou não à manutenção dos acordos, são apresentadas como decisões conscientes reguladas por interesses próprios - eles não dependem da atuação humana e tampouco são representados como presos aos seus instintos.

As abelhas poderiam simplesmente nos matar quando precisam de um cadáver, lembra a Velha [...]. Se não nos matam é porque alguma coisa as beneficia num organismo sem medo, e talvez essa coisa seja apenas o nosso contentamento. [...] Uma seriema entra pela porta trazendo uma cobra presa ao bico, A cobra ainda se debate e a Velha olha e sorri, agradecendo à ave [...]. A velha tira o couro da cobra e prepara outra panela para cozinhar. As seriemas a alimentam porque ela abriga seus ninhos e ovos dentro de casa (Galera, 2021, p. 193-194).

No trecho acima, a Velha explica a decisão das abelhas pela manutenção do pacto criado - elas poderiam, se quisessem, realizar ações diversas, e o fato de não o fazerem implica que estão se beneficiando da situação. A cena ainda detalha a existência de outros pactos intra-espécies: a própria Velha estabelece uma aliança especial com as seriemas, aves que cuidam dela em troca da proteção a seus ovos. É constante na novela a presença de personagens humanos com aproximação maior a determinados seres não-humanos, indicando a diversidade presente tanto nos humanos como nos outros seres vivos. No caso de Chama, sua aproximação maior está justamente com as abelhas, o que parece se dar por dois grandes motivos. Em primeiro lugar, há uma grande sintonia entre as abelhas e Chama, que às vezes parecem compartilhar características: “Algumas abelhas despertaram cedo *como ela* [...]” (Galera, 2021, p. 173, grifos nossos); “*O cheiro bacteriano de suas axilas*, emanação da vida dos micróbios que hospeda [...] é o que ela mais gosta, o que mais fortalece seu senso de ser uma coisa inteira. *É como cheirar mel silvestre*” (Galera, 2021, p. 217, grifos nossos). Mas, além disso, há um esforço de Chama em compreender as abelhas, respeitando-as: “O enxame faz figuras e uma delas, Chama está convencida, é um rosto que a encara. Entende que está abusando da hospitalidade” (Galera, 2021, p. 175), “Sente uma picada no dorso da mão, depois outra na curva entre o pescoço e o ombro. Chama não se importa [...], e sabe também que as aliadas a reconhecem e não a consideram uma ameaça, picando às vezes porque *faz parte da sua linguagem* [...]” (Galera, 2021, p. 218, grifos nossos).

Segundo Bruno Latour (*apud* Haraway, 2022, p. 83), faz-se necessário contar as “histórias de Gaia”, tomando como agentes ativos os entes anteriormente considerados de maneira meramente passiva. Parece ser essa a proposta do Organismo ao considerar a agentividade enquanto traço existente para além dos seres humanos – a sobrevivência do todo se faz possível somente a partir da colaboração com outros seres vivos. Do mesmo modo, ao tomar a linguagem como presente também nos animais, a narrativa inverte a lógica da superioridade humana pautada na exclusividade da habilidade linguística; desfaz-se, assim, o conceito “*l’animot*” de Derrida.

Com sua costumeira genialidade para cunhar palavras que encapsulam argumentos filosóficos inteiros, Derrida inventou *l’animot*, que inclui em uma única palavra o som do plural francês para animais, *animaux*, ao mesmo tempo em que chama atenção ao modo como a própria palavra (*mot*) implica a linguagem simbólica da qual considerados que os animais são privados, e que os define – em Descartes e em outros locais – como inferiores (Garrard, 2012, p. 150, tradução nossa).[1]

No texto a representação dos javalis se distancia dessa imagem colaborativa dos seres vivos. Ao contrário de serem capazes de construir alianças e trocarem positivamente com os outros, essa espécie é caracterizada de maneira individualista e inconsequente, sendo, por isso, inferiorizada e temida: “O javali é o único bicho com quem o Organismo nunca se entende. [...] Comem qualquer coisa e não adoecem. Se tornaram invencíveis e numerosos e talvez por isso pareçam um pouco alheios à vida e incapazes de alianças” (Galera, 2021, p. 194). A descrição dos javalis parece se aproximar da prática humana tanto fora do Topo como anteriormente aos desastres mencionados, “[...] antes do grande calor e da falta de energia [...]” (Galera, 2021, p. 179), mas a maior semelhança entre a sanha violenta dos javalis e o comportamento humano é experimentada no

[1] No original: “With his customary genius for coining words that encapsulate entire philosophical arguments, Derrida invents *l’animot*, which includes in a singular term the sound of the French plural for animals, *animaux*, while at the same time drawing attention to the way in which the word (*mot*) itself implies the symbolic language which animals are thought to be deprived, and which defines them – in Descartes and elsewhere – as inferior”.

próprio Organismo após a queda do astronauta. A partir de sua chegada, é negada ao astronauta qualquer possibilidade de tecer alianças, pois o mesmo é visto como uma ameaça ao modo de vida pré-estabelecido no Topo. Segundo Alfredo,

[é] importante que todos entendam o que a chegada dele significa. O homem fala uma língua que não conhecemos e representa uma degeneração das antigas sociedades da qual ainda estamos protegidos no Topo. [...] Sua queda aqui só pode ter sido um acidente, mas é um acidente com consequências muito perigosas para o Organismo. O homem conhece tecnologias das quais nos afastamos há muito tempo e não sabemos o que pretende ou do que é capaz. Ele pode atrair outros humanos que não vão respeitar o modo de vida do Organismo. Humanos que podem querer tomar de nós o necromel, os olhos-d'água sem veneno e o ar fresco (Galera, 2021, p. 213).

Alfredo enxerga no Organismo garantias de sobrevivência que devem ser mantidas a todo custo – apesar das críticas aos feitos da humanidade que levaram-na ao desastre, trata-se de uma personagem apegada aos saberes antigos contidos nas palavras escritas e, portanto, à preservação do já conhecido. A Velha, por sua vez, parte de uma visão segundo a qual as alianças são cambiáveis a todo e qualquer momento – “[a] aliança, não cansa de ensinar a Velha, é um pacto reescrito a todo instante. Uma sintonia frágil entre corpos, uma dança” (Galera, 2021, p. 173). A sequência de mudanças causadas pelo impacto da chegada do astronauta reiteram a ideia de transformações constantes; no entanto, é possível considerar que, mesmo anteriormente, o Organismo já carregava em si sinais de sua inconstância. As metamorfoses se revelam regularmente na novela não apenas no conteúdo narrado, mas também na forma narrativa e nas descrições do espaço e das personagens; observemos, a título de ilustração, o início do primeiro capítulo:

Na aurora violácea Chama se afasta do Organismo pela trilha que leva às colmeias. Seus chinelos feitos de borracha de pneu e cabos de carregador esmagam nódoas de terra seca, o imundo poncho-pala de fibra de cânhamo roça seus quadris estreitos, as pernas de couro de javali nas coxas e canelas impedem que as macegas altas e espinhentas rasguem sua pele castanha, na qual ferimentos superficiais deixam cicatrizes lisas e brancas. Atravessa pela rota bem conhecida o campo de eucaliptos mortos, uma cama de gato de troncos caídos, finos e estranhamente preservados no ar seco, cumprimenta com um olhar Boloto, o vigia daquele turno, trepado no esqueleto retorcido da antiga torre de transmissão, sobe a elevação rochosa, coberta aqui e ali por uma penugem de líquens rosados [...] (Galera, 2021, p. 172).

Seguindo os ensinamentos da Velha, de acordo com quem “[n]ão há necessidade de passado, pois o presente guarda todos os indícios que precisamos [...]” (Galera, 2021, p. 176-177), a narração da obra ocorre majoritariamente no tempo presente, tal qual no trecho acima. Mas, para além dessa questão formal, o conteúdo também apresenta em si o registro de histórias anteriores e de suas mudanças até o estado atual. A narrativa se inicia com a aurora, possível símbolo de metamorfose por conectar a noite passada ao novo dia; além disso, as imagens de morte (como no caso dos campos de eucalipto) são paulatinamente substituídas por imagens de vida (por exemplo através do surgimento de pequenos líquens). Vale ainda notar que as descrições das vestimentas da personagem trazem consigo a ideia da modificação dos materiais e, ao mesmo tempo, a história da reverberação dos detritos humanos até posteriormente à obsolescência dos produtos originais

– todas as roupas descritas são compostas de múltiplos materiais agregados que, apesar de formarem uma nova coisa, não deixam de remeter ao que já foram individualmente. A esse respeito é interessante notar a ausência de oposição entre os elementos primários da natureza (como a fibra de cânhamo) e aqueles que sofreram maior interferência humana para sua confecção (os cabos de carregador, por exemplo) – isso ocorre porque, na narrativa, o humano não é separado da noção de natureza:

[f]omos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso – enquanto seu lobo não vem –, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza (Krenak, 2019, p. 9-10).

Em *Bugônias*, todos os seres pertencem à natureza, inclusive os humanos, e, portanto, o fruto de seu trabalho também faz parte dela. Dessa forma, há uma continuidade notável entre a apresentação original dos materiais e aquilo em que se transformam – seja por interferência humana, pela ação do tempo, ou mesmo através do trabalho de outros seres vivos. Nesse aspecto, o narrador da novela não corrobora com a frequente distinção entre “Natureza” e “Cultura”, e trata ambos como uma única coisa: “[f]undimos nosso trabalho com a terra, nossas forças com suas forças [da Natureza], tão profundamente que não é mais possível recuarmos e dela separarmos-nos” (Williams, 2011, p. 112). Na obra em questão, a compreensão dos seres humanos enquanto parte da noção geral de “Natureza” leva à interconectividade entre todos os seres vivos enquanto parte de uma mesma unidade – por isso, o processo de mutação de um ser reivindica a participação de outros, de tal forma que a noção de individualidade talvez não faça sentido. Essa inconstância parece, pelo menos a princípio, incomodar Chama: “Mas se tudo pode vir a ser qualquer coisa, Chama pensa em segredo, como ter certeza que a vontade de viver não é uma espécie de miragem?” (Galera, 2021, p. 184). Nesse ponto, podemos retomar a discussão de Timothy Morton a respeito da percepção de interconectividade entre todos os seres:

De um lado, nosso mundo se expande à medida que nosso conhecimento cresce. Mas por outro lado, ele encolhe: as coisas são “menos” do que pensávamos que eram. Descobrimos que nosso entendimento mais detalhado de como as coisas se conectam umas com as outras resulta em uma perda na sensação de realidade. Um vazio se abre no nosso espaço social e psicológico. Nos níveis micro e macro, as coisas são menos completas, menos integradas, menos independentes, do que acreditávamos (Morton, 2010, pos. 742, tradução nossa).[2]

A eterna mutação dos vínculos e a interconectividade entre todos os seres inquieta Chama exatamente pela perda de independência do indivíduo frente ao coletivo. No entanto, essa premissa, responsável pela sustentação do grupo, é esquecida pelo Organismo com a queda do astronauta; nesse momento de crise os humanos se voltam ao passado e procuram cristalizar suas formas de existência, ignorando não somente o caráter ininterruptível das mudanças, mas também a participação necessária do diferente em sua composição. O astronauta é visto como não-pertencente a partir de uma perspectiva exclusivista que separa os detentores de certos direitos daqueles a quem os mesmos são negados. Apesar do choque causado por essa nova percepção do

[2] No original: “On the one hand, our world expands as our knowledge grows. But on the other hand, it shrinks: things are ‘less’ than we thought they were. We discovered that our more detailed understanding of how things connect with each other results in a loss of a sense of reality. A void opens up in our social and psychological space. On the micro and macro levels, things are less complete, less integrated, less independent, than we believed”.

outro, é possível dizer que ela já era vislumbrada na contrariação do Organismo em compartilhar o necromel com humanos de outros locais – visão defendida inclusive pela Velha, mas não compartilhada totalmente por Chama, “[a] Velha costuma dizer que a aliança com as abelhas pertence ao Organismo e não há garantia nenhuma de que possa ser replicada [...] Chama entende o que a Velha quer dizer, mas ao mesmo tempo sonha em oferecer imunidade aos humanos de fora” (Galera, 2021, p. 186).

Apesar das mudanças apresentadas no espaço e nos materiais utilizados, a forma como o Organismo é descrito pelo narrador – cuja visão é aparentemente vinculada à de Chama – indica certa estabilidade graças à manutenção das alianças: “Esse ar tão seco, *sempre* tão seco” (Galera, 2021, p. 173, grifos nossos); “[...] as rainhas acasalam com os zangões *sempre* no mesmo lugar” (Galera, 2021, p.182, grifos nossos). A constância parece incomodar Chama – quiçá pela incompatibilidade entre a forma como viviam e os ensinamentos sobre as eternas mudanças. A respeito da caravana dos carvoeiros (grupo temido pelo Organismo por assassinar outros humanos), por exemplo, é dito que “Chama não quer, é claro, que a caravana apareça, mas uma parte dela gostaria de vê-los ao longe [...]” (Galera, 2021, p. 191), e, em outro momento, essa mesmice é descrita com termos negativos, apesar de conter em si germens de renovação: “[p]or trás do *drama modorrento dos dias repetitivos* moléculas se formam e se destroem [...]” (Galera, 2021, p. 195, grifos nossos). Por mais que desejasse uma movimentação na quietude do Organismo, Chama se surpreende com as situações anômalas que encara após a chegada do astronauta e começa a se sentir, também ela, uma estranha:

Chama reparou que eles pareciam saber do que aquilo se tratava mas falavam muito pouco e em voz baixa. *O Organismo não costumava ter segredos.* [...] O homem foi carregado numa rede até a varanda da casa da Velha [...] e a porta foi fechada. *Chama nunca tinha visto a porta da casa da Velha ser fechada.* [...] O arame farpado que sempre protegeu os mantimentos contra javalis e outros entes esfomeados *agora tinha outro significado* [...] (Galera, 2021, p. 205, grifos nossos)

A porta do depósito está trancada com uma corrente e um cadeado. Desde que nasceu Chama sabe que não existem cadeados no Organismo, não existem trancas nem chaves, mas ali está um cadeado enferrujado, *senal inequívoco de que ela já não conhece bem onde vive,* não reconhece mais seu lugar e suas alianças, e este talvez seja, ela pensa, o mesmo sentimento que espantou as abelhas, um horror repentino de não mais pertencer (Galera, 2021, p. 215, grifos nossos).

As mudanças, no entanto, não ficam restritas ao Organismo e às alianças, mas se apresentam também na própria Chama. A incerteza que sempre apresentou em relação a alguns ensinamentos – “Ela agradece e assente com a cabeça, ruminando, pensando se concorda” (Galera, 2021, p. 184) – se transmuta em diferença radical e enfrentamento: o tratamento conferido pelo Organismo ao astronauta-alienígena é contestado vertiginosamente por Chama, que parece decepcionada por não encontrar apoio nem mesmo na Velha. Devido ao seu novo posicionamento, o tratamento pouco cordial passa a se estender à própria Chama. Quando o filho de Alfredo fica doente, há uma cena na qual “[a] Velha e Alfredo não lhe dirigem o olhar e se negam a reconhecer sua presença ali. É outra sensação nova para ela, essa indiferença, outra mutação sinistra de um Organismo que vai ficando irreconhecível” (Galera, 2021, p. 232). Nesse contexto Chama parece se distanciar não somente dos ensinamentos da Velha e de Alfredo, mas também do próprio grupo de origem; isso é notável quando as descrições do narrador começam a opor Chama ao Organismo, como em “[o]

Organismo *dorme em silêncio*. Ela *desperta* com o peito *inquieta* e a boca seca. [...] O silêncio, ela se dá conta agora, parece excessivo [...]” (Galera, 2021, p. 216, grifos nossos), momento no qual a quietude do Organismo adormecido é contraposta à figura inquieta e desperta de Chama.

Tais descrições associadas ao distanciamento de Chama em relação às figuras de liderança do Organismo sugerem a possibilidade da novela ser lida como uma história de formação. Em primeiro lugar, existe em Chama uma posição questionadora sobre o funcionamento da comunidade e seu papel nela, além das descrições de suas angústias internas naquele espaço, exemplificada no trecho “[t]er uma família como a da fotografia não a pouparia da vertigem que é ser um ente entre muitos” (Galera, 2021, p. 209). Além disso, a personagem busca por vivências diversas – além do desejo de ver os carvoeiros, citado anteriormente, há a menção à vontade de Chama em dedicar-se ao contato com os javalis, o que seria uma relação nova para o Organismo. Essas indagações fortalecem uma leitura de narrativa de formação, pois “[p]arte do conflito de gerações, que é um dos passos do romance de formação, deve-se à luta do protagonista para ter acesso a vivências várias” (Schwantes, 2007, p. 55).

O contato com uma pessoa mais velha que lhe leva ensinamentos, outra característica do romance de formação, ocorre através da figura do astronauta, ainda que de maneira desvirtuada: a incompreensão entre os dois provocar em Chama questionamentos sobre suas aprendizagens no Topo – “[...] enquanto desenha esses ensinamentos para o astronauta, Chama começa, pela primeira vez, a questionar em alguma medida a sua validade. Os olhos de confusão do homem desperta nela suspeitas disformes mas suficientes para começar a amolecer determinadas certezas” (Galera, 2021, p. 228). Outro ponto que legitima essa interpretação é a presença, nos romances de formação, de uma viagem a um local distante – embora isso não aconteça da mesma forma com Chama, é notável o modo como a protagonista transgride as fronteiras pré-estabelecidas do Organismo, infração que assume contornos positivos por resultar no reencontro com as abelhas:

Em pouco tempo ela já não sabe onde está e é bem possível que tenha ultrapassado os limites do Topo. Uma subida íngreme sugere a transposição de um fundo que ela desde cedo aprendeu que não devia pisar, mas o chamado a impele, uma curiosidade que é um amor à vida maior que o temos de apagá-la por imprudência (Galera, 2021, p. 218).

É notável, ainda no trecho acima, a reafirmação do desejo de viver intensamente, importando-se mais com a emoção e a curiosidade do que com a própria segurança. Essa é mais uma característica que difere Chama da maior parte dos moradores do Topo, associados com um temor conservador. O medo desses moradores é justamente o motivo para realizarem o processo de bugônia utilizando o astronauta como oferenda; o título da novela parece se referir menos ao processo no qual as abelhas se alimentam dos cadáveres, um processo que não violenta nenhum ser vivente – “[...] juntando velhos e crianças, os que se matam quando querem e os natimortos, sobrando ou faltando um aqui e ali, é a quantidade de humanos que morre no Organismo sem que se precise fazer nada” (Galera, 2021, p. 182) –, e mais ao sacrifício que, segundo Alfredo, seria a única forma de trazer de volta as abelhas para retomar a antiga aliança e ter novamente acesso ao necromel. É notável como, durante o processo de violentação do astronauta, Alfredo chega a citar os versos 280 a 300 das *Geórgicas IV* de Virgílio, livro que ensinaria o ritual. O processo de sacrifício remonta à relação tirânica estabelecida por alguns humanos com outros seres viventes (humanos ou não), modos esses supostamente superados no Topo através do estabelecimento de alianças.

As ovelhas e cabras observam de longe com sua neutra curiosidade intacta. Talvez bruxulear na intimidade das lanosas, Chama pensa, a memória residual de inúmeros sacrifícios perpetrados em seus antepassados por humanos ensimesmados em seus rituais, crentes de que os ciclos de fertilidade e as alianças entre os entes eram afetados por sua busca obstinada de um sentido (Galera, 2021, p. 239).

Nesse momento da narrativa os humanos do Organismo apresentam uma visão colonizadora dos corpos diversos – ao contrário da lógica agregadora e comunicativa, encontra-se a negação do direito à vida e a redução do astronauta aos possíveis ganhos provenientes de sua morte. É o que Malcom Ferdinand define como “Negro”, termo não relacionado às características físicas de humanos, mas sim palavra a qual “[...] se refere a todos aqueles que estiveram e estão no porão do mundo moderno: os fora-do-mundo. Aqueles cuja sobrevivência social é marcada pela exclusão do mundo e que são reduzidos ao seu ‘valor’ energético” (Ferdinand, 2021, p. 60, tradução nossa)[3]. Ainda sobre esse momento é importante ressaltar o modo como os algozes empunham suas certezas em benefício próprio, numa individualidade independente das consequências aos demais seres – “Quem ‘acredita’ ter as respostas às urgências presentes é terrivelmente perigoso. Quem se recusa a ser favorável a algumas formas de viver e morrer, e não a outras, é igualmente perigoso” (Haraway, 2022, p. 84). Essa violência, como normalmente ocorre com a agressividade desenfreada, não se limita ao astronauta e, para surpresa de Chama, também ela é vitimada em mais uma das novidades surgidas no Organismo – “Chama nunca viu um ente vivo amarrado no Topo. Nem humano nem cabrito nem ovelha nem gavião. Ela é a primeira” (Galera, 2021, p. 240). Nesse processo de violações é possível dizer que o Organismo e seus ideais são também vitimados – quando Chama sugere se tornar mãe do astronauta, “[a]lguns moradores riem baixinho, mas a comunidade como um todo permanece circunspecta porque conhece e respeita as tradições e sabe da gravidade do pedido” (Galera, 2021, p. 236); ao invés de respeitar a tradição, no entanto, Alfredo agride Chama após sua fala – acontecimento irônico dado o compromisso de tal personagem com a manutenção do modo de vida do Organismo. Posteriormente a isso ocorre a violência última ao astronauta, um processo de tortura maquiado de intenções ritualísticas, a qual “com uma luz ardente de força e esperança nos olhos alguns homens e mulheres fazem prontamente sem questionar” (Galera, 2021, p. 237). Se considerarmos a importância da agentividade dos seres nessa comunidade, é possível enxergar também na falta de questionamento dos agressores uma quebra de vínculo com suas tradições.

Essa reviravolta no Organismo é acompanhada pela completude da metamorfose de Chama. De modo inédito ela foi mantida amarrada por nove dias, retomando a ideia de que o processo de formação do *Bildungsroman*, quando intentado por uma personagem feminina, é visto enquanto ameaça ao status quo e, conseqüentemente, resulta na exclusão e marginalização da mulher (Pinto, 1990, p. 13). No entanto, ao contrário do final trágico de muitas personagens desafiadoras dos textos de formação, Chama, durante esse período, “[...] presente que uma grande mudança se avizinha, uma mudança que se dará ao mesmo tempo nela mesma e em toda parte [...] como se gestasse alguma coisa e ao mesmo tempo estivesse sendo parida” (Galera, 2021, p. 242) – talvez substituindo o filho no qual gostaria de transformar o astronauta. Enquanto Chama cria uma novidade e é por ela criada (imagens de vida), acontecia uma transformação de morte com o corpo do astronauta, que inicia seu processo de decomposição com o aparecimento de larvas e moscas

[3] No original: “[...] refers to all those who were and are in the hold of the modern world: the off-world. Those whose social survival is marked by an exclusion from the world and who are reduced to their ‘value’ as energy”.

varejeiras. Se as abelhas simbolizam a vida tanto pela ação polinizadora como, no romance, pela produção do necromel, as varejeiras seriam definitivamente um signo avesso, a morte geradora de morte – especialmente levando em conta a violência com a qual atacam os humanos responsáveis por, equivocadamente, convocá-las; “Chama observa de longe. Uma nuvem escura de volantes escapa pela entrada da cabana e rodopia com um zumbido tenebroso em torno dos moradores. Chama sabe na mesma hora que não são abelhas. Os humanos começam a gritar e se estapear aflitos” (Galera, 2021, p. 243). O surgimento das varejeiras no que seria o último resquício de esperança pode representar o perecimento do próprio modo de vida do Organismo – mas, como as imagens de renovação na obra nos mostram, é justamente do fim aparente que surgem novas oportunidades de alianças.

A mudança final do Organismo se dá quando Chama retoma o contato com as abelhas, com quem se torna “um único organismo vivo” (Galera, 2021, p. 245). A escolha do termo “organismo” é fortuita, pois nessa passagem Chama é o Organismo e dele faz parte – depende dela a reinauguração de um Organismo não mais preso a determinado espaço, separando-se dos “[...] poucos humanos que preferem cuidar ali mesmo dos animais e limitar o escopo de suas vidas ao que já conhecem desde sempre. O Organismo atravessa o riacho venenoso e desbrava pela primeira vez as terras em torno do Topo” (Galera, 2021, p. 247) – essa nova realidade do Organismo pode caracterizá-lo como um sistema simpoético, não sendo mais limitado espacial ou temporalmente nem possuindo unidades autônomas, agora o Organismo age como o que M. Beth Dempster (*apud* Haraway, 2022, p. 71) define enquanto *simpoiese*: “sistemas de produção coletiva que não possuem limites espaciais e temporais autodefinidos. Informação e controle são distribuídos ao longo dos componentes. Os sistemas são evolutivos e têm potencial para mudanças surpreendentes”.

Pode-se supor, então, que Chama gestava, na realidade, esse novo Organismo, uma metamorfose do que antes existia. Dessa forma, podemos compreender o nome da protagonista como, ao mesmo tempo, substantivo e verbo – Chama destrói, tal qual uma labareda, o velho para possibilitar o surgimento do novo, e, ao mesmo tempo, invoca os outros seres para participarem da mudança. Aqui é interessante notar o modo como a história de formação de Chama difere da tradição das histórias de formação com protagonistas femininas, nas quais há frequentemente uma personagem “[...] que não sofre modificação, cuja única experiência é aprender, mais ou menos mecanicamente, a se mover dentro dos meandros da sociedade [...]” (Schwantes, 2007, p. 3). Ao contrário do que ocorre nesses romances do século XVIII, Chama não só se modifica como também altera a sociedade onde vive, transformando-a em um sistema no qual todos possuam espaço, dependendo uns dos outros para atravessar espaços antes não imaginados.

A ruptura das fronteiras e a exploração do espaço coincidem com o embaçamento das fronteiras entre os elementos do Organismo – Chama e as abelhas se tornam um, assim como os demais membros que, apesar de terem suas individualidades respeitadas, movem-se e agem de maneira unificada. Apesar de destacar as habilidades individuais das personagens – “[...] Chama diz que precisará de Misabel para identificar e aproveitar as tecnologias e artefatos. Precisarão de Celso para ajudar a entender as abelhas [...]. Precisarão de Alfredo para decifrar escrituras [...]” (Galera, 2021, p. 246) –, a narrativa passa a tomar o Organismo enquanto agente coletivo englobador dos indivíduos - “O *Organismo* atravessa o riacho venoso [...] Alfredo escreve os acontecimentos e lê para o *Organismo*” (Galera, 2021, p. 247, grifos nossos). O atravessamento da fronteira do Topo e o ofuscamento da separação entre os seres refletem o caráter mutualista desse novo corpo: “Pensar a interdependência envolve dissolver as barreiras entre “por aqui” e

“por ali” e, mais fundamentalmente, a ilusão metafísica de rigidez, limites estreitos entre dentro e fora” (Morton, 2010, pos. 808, tradução nossa).<sup>[4]</sup> Essa nova forma de união, aliada à percepção coletiva de que “[...] humanos precisam dos corpos e pensamentos uns dos outros para vicejar” (Galera, 2021, p. 246) estabelece não mais uma comunidade, mas sim uma coletividade, pautada na escolha de estar junto sem se guiar por interesses individuais (cf. Morton, 2010, pos. 2696), como anteriormente ocorria devido à necessidade do necromel; ou como ocorreu após a queda do astronauta, quando os desejos individuais por proteção levaram ao assassinato do estrangeiro. A metamorfose das individualidades no Organismo multi-espécies parece trazer consigo um impulso utópico inexistente na versão original do Organismo – a extrapolação do espaço e a abertura às mudanças permite o vislumbre de uma coletividade capaz de abarcar todos; resta saber quantos acudirão ao chamado.

## REFERÊNCIAS

- FERDINAND, Malcom. *Decolonial ecology: Thinking from the Caribbean world*. Nova Iorque: John Wiley & Sons, 2021.
- GALERA, Daniel. Bugônia. In: GALERA, Daniel. *O deus das avencas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 171-247.
- GARRARD, Greg. *Ecocriticism*. Nova Iorque: Taylor and Francis, 2012.
- HARAWAY, Donna. Ficar com o problema: Antropoceno, Capitaloceno, Chthuluceno. In: MOORE, Jason W. (Ed.) *Antropoceno ou capitaloceno?: Natureza, história e a crise do capitalismo*. São Paulo: Editora Elefante, 2022, p. 67-125.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo (Nova edição)*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019.
- MORTON, Timothy. *The ecological thought*. Cambridge: Harvard University Press, 2010.
- PINTO, Cristina Ferreira. *O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- SCHWANTES, Cíntia. Narrativas de formação contemporânea: uma questão de gênero. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 30, p. 53-60, 2007.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

**LETÍCIA VITAL FERREIRA** é mestranda no Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP). Atualmente desenvolve uma pesquisa sobre as literaturas contemporâneas em Angola e no Brasil com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Contato: [leticia.vital.ferreira@usp.br](mailto:leticia.vital.ferreira@usp.br). Currículo [Lattes: http://lattes.cnpq.br/1231204826575444](http://lattes.cnpq.br/1231204826575444).

[4] No original: “Thinking interdependence involves dissolving the barrier between ‘over here’ and ‘over there’, and more fundamentally, the metaphysical illusion of rigid, narrow boundaries between inside and outside”.